

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

90) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JANEIRO 19, 1839)



A FORTALEZA DE DIEPPE.

NA COSTA da Mancha, ou canal de Inglaterra, na foz d'um pequeno rio está Dieppe, cidade maritima de França. Em o seculo nono a sua localidade era apenas occupada por algumas cabanas de pescadores; mas já no undecimo seculo havia alli uma villa com o nome de Bertheville. No seculo decimo sexto as pescarias, especialmente a do harenque, eram o emprego principal dos habitantes, e foram os mananciaes da opulencia e augmento de Dieppe; os seus

VOL. III.

navios iam aos mares do norte apanhar peixe, que depois de curado exportavam para Levante, trazendo á volta especiarias e drogas. Do porto de Dieppe saíram os primeiros colonos francezes para o Canada, e em 1694 para o Senegal. Ainda hoje as pescarias dos habitantes desta cidade são a sua principal industria e riqueza. Só na pesca do harenque, andam empregadas no mez d'Agosto, nas costas de Inglaterra e mar do Norte, 60 a 80 embarcações de

25 a 30 toneladas, tripuladas por mais de mil homens; em Outubro faz-se a pesca nas costas de França em 120 a 130 barcos menores: o peixe apanhado em Agosto é para salgar, o colhido em Outubro, por ser de tamanho inferior, vende-se fresco para Paris e para as provincias. Além das pescas do harenque fazem-se outras muitas, que todas occupam grande numero de braços, posto que esta industria não esteja agora no subido gráu de esplendor a que chegou ha cousa de 50 annos. Além dos marujos, e pescadores, muitos habitantes se empregam na construção das embarcações, e no fabrico dos appparelhos e mais objectos que a pesca demanda: de fórma que Dieppe é terra de gente mui activa, e de bastante commercio. Tambem é afamada por causa dos banhos do mar, para cujo fim ha estabelecimentos, e edificios á beira de agua, não só commodos e elegantes, mas até de luxo.

A costa maritima nesta paragem corre de Nordeste a Sudoeste, por onde se estende a cidade obra de uma milha, ficando o porto na extremidade do Nordeste, e a fortaleza, que a nossa estampa representa, proxima á de Sudoeste. O porto é sufficientemente espaçoso e seguro; mas a entrada é estreita, e exposta a ser obstruida pela accumulacão das arêas. A cidade, que em 1694 foi quasi geralmente destruida pelos inglezes, que a bombearam, foi depois reedificada, e actualmente tem boa casaria, e soffríveis ruas. É bem provida d'agua por um aqueducto de 3 milhas d'extensão, que fornece 70 chafarizes.

Em Dieppe ha theatro, passeios, salões de assemblea, e uma eschola de navegacão. A sua populaçãõ em 1832 orçava por pouco mais de dezeseis mil almas.

COLONIAS PORTUGUEZAS D'AFRICA.

HA TEMPOS a esta parte que o governo portuguez começou a despertar do lethargo em que jazeu por seculos a respeito das nossas extensissimas e riquissimas colonias d'Africa. Aparecem nos papeis publicos providencias de todo o genero para reanimar essas moribundas colonias, e para as tornar uteis a si e á mãe Patria: temos ouvido escarnecer dessas medidas, é verdade; mas, que ha ahí justo, honesto ou patriotico, de que certos homens, que de tudo sabem, que tudo julgam e condemnam, não digam mal? — É, tambem, como deixarão elles rasto de si neste mundo; elles, que para mais nada prestam, se não fôr para ralharem de tudo, embora não saibam o que dizem? — É certo que, faltando em grande parte noticias e apontamentos ácerca das possessões d'Africa, e sendo necessario que haja a respeito dellas conhecimentos especiaes e vastissimos, tomar-se-hão ás vezes medidas erradas, ou pouco uteis para os intentados melhoramentos: por outro lado, olhando-se em Portugal para os nossos dominios naquella parte do mundo, como para um sumidouro de vidas, e logar só proprio para desterro de criminosos, é difficilimo achar individuos probos e entendidos, que queiram ir gastar a vida em paizes, que geralmente são tidos na conta de pessimos; e por isso muitas vezes succederá escolherem-se empregados para aquellas colonias, taes, que mais de damno do que de proveito lhes sirvam. Com todas estas difficuldades, porém, se devia contar, logo que se quizesse metter hombros a tão importante empresa, como á de crear nas adustas provincias d'Africa um novo Brasil; que de certo o virão ellas a ser, se com tenacidade se continuarem os encetados melhoramentos: todavia quem póde, com razão, dizer que essa é uma empresa louca?

Desejosos de contribuir pela nossa parte para tão

louvavel e patriotico objecto, publicaremos tudo o que podermos alcançar, verdadeiramente util e curioso, sobre as nossas possessões africanas, e não negaremos logar neste jornal a quaesquer noticias ou observações relativas a ellas, que nos sejam transmitidas, logo que nesses escriptos concorrãam as circumstancias de utilidade, ou curiosidade. Independentemente, tambem, do governo por nossa situação social, sem nos mover amisade, nem temor, beneficio, nem injuria, tributãmos francamente louvor ao ministro, que primeiro curou dos nossos dominios ultramarinos, até o seu tempo tão desprezados e esquecidos.

A paginas 265 do 2.^o volume deste jornal, começãmos a dar uma noticia geral dos caffres, que habitam nos sertões de nossas colonias, como um trabalho preliminar ao que devemos ir successivamente escrevendo a respeito dellas: chegãmos com essa descripção até a bahia de Lourenço Marques, e promettemos continuar com a noticia dos naturaes do sertão desta bahia, e com a dos mais que moram nas visinhanças dos outros dominios portuguezes. Hoje proseguimos no cumprimento da promessa.

Na bahia de Lourenço Marques desembocam quatro rios caudaes, que entrando pelo sertão dentro servem como de fronteiras a diversos reinos de caffres, como o de Manhiça, o d'Inhaca, o de Rumo, o de Anzete e outros. Juncto ao de Anzete ha umas serras de difficilimo accesso, em cujos cimos se encontram largas campinas, habitadas por uma raça de caffres agigantados, que nenhum tracto teem com os anzetes, e vumos seus confinantes, porque se receiam delles, vivendo nas montanhas com o que lhes produz o seu sólo fertilissimo. Os caffres dependentes do reino de Manhiça são prasenteiros, amigos de festas e de bailes, mas apesar de serem mais humanos no tracto, do que outros povos visinhos, não deixam de accommetter os brancos ousadamente, o que fazem com grandes algazaras e braudindo as armas, que consistem principalmente em páus tostados, com os quaes são capazes de derrubar um boi se lhe acertam: todavia para os fazer tremer basta um tiro de espingarda; porque apenas lhe ouvem o estrondo, deitam-se no chão, e de gatinhas e aos saltos se embrenham nos matos.

O regulo de Manhiça vive em uma grande aldêa com sua especie de cõrte: nessa aldêa ha uma arvore debaixo da qual se reúnem os cortesãos, tanto homens como mulheres, para deliberarem nos negocios publicos. Os caffres que estanceiam pela costa do mar, desde a bahia de Lourenço Marques até o rio do Ouro, são mui ladrões e atrevidos, por tal modo, que saltando de moitas e brenhas, como os bugios, d'um pulo, tiram aos caminhantes os barretes e os alforges.

Passado o rio do Ouro, seguem-se os reinos de Manuça, Pondá, e Gamba, cujos naturaes são amigos dos portuguezes e agasalhadores: com esses povos teem commercio os habitantes de Moçambique, e na extremidade do ultimo destes tres reinos está assentada a nossa villa de Inhambane, juncto á foz do rio do mesmo nome.

Os caffres visinhos desta villa alimentam-se, trãjam e pelejam sem differença dos outros da bahia de Lourenço Marques, conformando em usos, costumes, e meneio das armas. Se os accommettem não voltam rosto, jogando adagas e azagaias, com alaridos, coragem, e ligeireza. Em quanto as armas são de arremesso, não ha dobra-los, nem vence-los: pelejam como leões; mas como ouçam tiros de espingardas cozem-se com o chão, embrenham-se, e desaparecem na espessura dos bosques, que rompem e trilham melhor, descalços, que os seus inimigos, calçados e armados,

Estes mesmos caffres se não os maltractam, são dóceis, conversaveis, e dos mais laboriosos e commerciantes. Vivem como homens em parte isentos, semeando, creando e vendendo suas novidades. Os regulos, ou vem, ou mandam á villa prover-se de todo o necessario, que lhes lá falta, resgatando marfim por fato e missanga, que neste sitio são o melhor genero de commercio.

Nas visinhanças de Sofala estanceiam muitas tribus de caffres que seria longo enumerar. Ao Sul, quasi todas as terras até Inhambane são dominadas pelos caffres landins, outrora sujeitos aos portuguezes, mas que se rebellaram contra elles. É gente membruda, animosa e guerreira, que vive de roubar e matar, exercitando todo o genero de crueldades contra os botangas, antigos habitantes do paiz, menos bellicosos do que elles, e assolando, queimando, e desbaratando tudo, para haverem ás mãos o marfim, que negoceiam para Inhambane.

Estes caffres não teem as mesmas feições, e proporção de corpo que teem os outros: são de todos os menos apessoados, magros, e feios: andam nús, untados de azeite de coco, e almagre, sem mais compostura que uma estreita tira de pelle de cabra, que atam á cintura:

Adiante de Sofala, e pelo sertão estendem-se grandes reinos de caffres, com quem os portuguezes teem mais ou menos tracto: são estes os de Quiteve, Quissanga, Chingamira e Madanda, os quaes todos, segundo tradição do paiz, se formaram de colonias vindas do Monomotapa.

Os caffres de Quiteve são uma raça de mouros degenerada, mui differentes dos outros caffres, em toda a ordem de viver, nos costumes, no tracto, e no idioma: são mais dóceis, mais dados com os brancos, menos desconfiados, conservando muitos usos e practicas dos arabios, havendo cada um dos reis ou regulos do paiz [que actualmente está muito retalhado por causa de guerras intestinas] uma maneira de côrte com seus ministros e officiaes, seu serralho, suas rainhas, e concubinas. As particularidades mais notaveis ácerca das instituições e costumes destes povos, bem como dos outros de que ora tractámos, se podem ver, quanto aos tempos mais remotos, na Ethiopia Oriental de Fr. João dos Santos, e quanto aos mais modernos, na excellente obra do Sr. Botelho, de que fizemos menção no primeiro artigo, e de que vamos tirando a substancia deste.

Os caffres de Quissanga, reino menos extenso que o de Quiteve, e muito mais pobre, são mais asperos, desabridos e mal afigurados, que estoutros: homens e mulheres golpeam a cara e o corpo todo, havendo que ficam mais formosos cubrindo o corpo de costuras, e untando-o de alto abaixo com qualquer substancia oleosa, misturada com almagre, de que ha grande copia por todo aquelle terreno. Todavia, posto que estes caffres sejam menos tractaveis, não são menos laboriosos, vivendo da caça dos elephantes, de que todo este reino é assaz povoado, não só para lhes comerem da carne, que teem pela mais saudavel e deliciosa, senão para resgatarem o marfim, que por aquellas partes é em grande abundancia, e de superior qualidade.

Os naturaes de Madanda, são ainda mais asperos e avaros que os de Quissanga: trajam e fallam como elles; mas na linguagem são mais grosseiros e malsoantes. O trajo dos homens é pelles de cabra por curtir, estiradas pelos hombros: as mulheres cingem-se com um pequeno pauno, que lhes desce até o meio da côxa, sem outra cobertura nem adorno, senão tingirem a cabeça de almagre, amassado com azeite de coco, ou de feijões carrapatos, ou com manteiga de vacca.

Por aqui estanceiam tambem algumas tribus de landins, que, expulsos do seu paiz natal, por guerras intestinas, vieram fundar tres senhorios independentes no reino de Madanda. Estes povos usam da circumcisão, não por crença religiosa, mas por costume. Os homens andam quasi nús, e trazem apenas uma especie de tanga de palha tecida: as mulheres andam pelo mesmo theor, salvo que usam das tacs tangas mais compridas, de modo que lhes descem até os joelhos. Trazem o rosto golpeado desde a fronte, emfiando os golpes um atraz d'outro pelo lombo do nariz, beijo de cima até a barba, e de fonte a fonte, pela mesma maneira. Na religião, costumes, e fórma de viver semelham com os demais caffres dos outros sertões, avantajando-se todavia no jogar das armas, na valentia do animo, e nas forças do corpo.

Antes destes caffres fazerem assento nestas partes, tinham vindo estabelecer-se alli outros, tambem do lado de Inhambane, chamados vacumbas e butengas: expulsos pelos novos invasores vieram buscar asylo nas terras da corôa portugueza, onde vivem em modo de republica, em districtos denominados Butengages, repartidos em familias, que os paes governam a seu alvedrio, como chefes supremos; e quando convém tractar negocios de importancia, congregam-se, conferem, e decidem-se, não já pelo maior numero de votos, senão pelo conceito que fazem dos que votaram. Se porventura discordam em cousa grave, ajunctam-se os que são de um só parecer, abraçam-se cordealmente, e vão formar outra nova povoação, a que chamam — Engavos —.

Todas ellas estão fechadas sobre si, no centro de mattos virgens, que desmoitam para fundarem suas casas, circumdadas, além das arvores silvestres, que nascem por si, com outras muitas plantadas á mão, e com uma sebe, ou devesa de tão cerrados espinheiros, que não ha derruba-los, nem fazer-lhes brecha. É caminho para ellas uma vereda com muitas voltas e rodeios, por baixo de espesso arvoredado, que parece que vae ás nuvens, rematando em portas de grossas madeiras, que se aferrolham de noite a hora certa, dando-se primeiro aviso a toque de cornetas. Antemanhaã avisam da mesma sorte que se vão abrir: logo concorrem armados todos os homens, exploram o campo, e como o vejam livre de inimigos, abrem as portas, soltam o gado, e vão tractar dos arranjos da vida.

Os homens andam nús, e por honestidade cingem a cintura com uma estreitissima faixa de couro crú, de que pende uma meada de fios crusados, que passam de diante para traz por entre as pernas. As mulheres usam de uma compostura quasi semelhante. Ambos os sexos costumam untar a cabeça com manteiga e almagre, e o resto do corpo só com manteiga.

Em um terceiro artigo daremos noticia dos caffres que vivem pelos districtos de Rios de Sena, e de Moçambique.

HISTORIA DO TABACO.

Todos sabem que o tabaco é uma planta americana. Parece que os hespanhoes não o acharam nas grandes ilhas da America, isto é, em S. Domingos, Cuba, e Jamaica, onde se estabeleceram, no principio dos seus descobrimentos naquella parte do mundo. Foi pelos annos de 1520 que elles encontraram esta planta no Yucatan, provincia da terra firme. Deram-lhe o nome de tabaco, porque havia muito, e de muito bom crescimento, nos arredores da povoação de Tabasco.

Pourchot diz que os portuguezes foram os primeiros que trouxeram á Europa o tabaco da ilha deste

nome, uma das Antilhas. Mas é sem duvida que ella só foi povoada e cultivada em 1632 por uma companhia hollandeza ou belga, que ali fundou uma colonia chamada a Nova-Ovaca, quasi um seculo depois de ser o tabaco conhecido na Europa.

O tabaco era usado em Portugal e em Hespanha muitos annos antes de o introduzirem em França. João Nicót, embaixador de Francisco 1.^o, na côrte d'elrei D. Sebastião, levou a França esta planta em 1560, e a apresentou a Catherina de Medicis e ao Grão-Prior. Aquella princesa e este fidalgo lhe deram cada um delles o seu nome, para a fazer de moda, ou porque nella achassem alguma virtude particular, ou para se tornarem mais celebres, introduzindo uma cousa nova naquelle paiz, e por isso, ora lhe chamavam a herba da rainha, ora a herba do Grão-Prior; o que não obstou a que lhe ficasse o nome de *Nicociana*, que lhe haviam posto, por gratidão, algumas outras pessoas a quem João Nicót a déra.

O cardeal de Sancta-Cruz, que fôra Nuncio em Portugal, e Nicolau Tornaboni, que o havia sido em França, voltando das suas nunciaturas, levaram o tabaco a Italia, onde primeiramente lhe pozeram o nome de herba sancta, o qual lhe tinham dado os hespanhoes, por causa das virtudes especiaes, que, segundo diziam, nelle haviam achado. É de crer, contudo, que antes desta epocha já o tabaco fosse conhecido naquelle paiz, por via dos proprios hespanhoes, que senhoreavam Napoles; mas talvez o seu uso não se tivesse vulgarisado; porque os italianos recebiam mal tudo o que lhes vinha d'Hespanha, salvo o ouro e a prata.

Não foi a principio o tabaco bem recebido por toda a gente. Esta planta, como um pomo de discordia, accendeu vivissima guerra entre os medicos, que nesta occasião não se esqueceram do seu antiquissimo direito de fallar em tudo. Apesar de muitos delles nunca terem visto o tabaco, começaram a discorrer largamente sobre as suas propriedades e virtudes, como se fosse cousa conhecidissima desde o tempo de Hippocrates ou Galeno. Diziam uns que era frio, outros que era quente. Ferviam as receitas sobre o modo de o preparar e de usar delle. Apontavam as vezes e a quantidade que se devia tomar: faziam-se com elle curas espantosas, já se sabe, em doentes que acreditavam em todas as virtudes maravilhosas que lhe attribuiam. Chegou a tal auge esta mania que estiveram a ponto de abandonar todos os outros medicamentos para ficar o tabaco sendo o remedio universal, e isto teria acontecido se os medicos estivessem entre si concordes a tal respeito.

Mas apesar dos tão consideraveis proveitos que se tiravam do tabaco, segundo se cria, esta planta não deixou de ser atacada por adversarios poderosissimos. Os que não gostavam de novidades não podiam levar á paciencia que se rejeitassem como inuteis todos os medicamentos antigos, para se reduzirem as drogas de botica a uma só, o tabaco. Pozeram, por isso, em duvida o bem que delle se dizia, e não lhes faltavam boas razões para provar, que de outras causas nasciam as curas que se attribuiam ao tabaco.

Todavia o uso desta planta não deixou de se propagar mais depressa do que se esperava. Da America se estendeu até as mais remotas partes da India, e ao mesmo Japão. Passou dos moscovitas aos tartaros orientaes: inundou toda a Africa, Asia-menor, Grecia, Hungria, Polonia, Alemanha, e mais reinos do Norte. Nunca houve cousa tão universalmente recebida, posto que por toda a parte achasse contradicções, embaraços, e opposição, que parecia deverem esmagar-la á nascença; porque não se creia

que só os escriptores a guerrearão com a penna: tambem os mais poderosos monarchas se declararam contra a introdução desta planta.

O grão-duque de Moscovia Miguel Federovitz, vendo que, por duas ou tres vezes, a capital dos seus estados estivera a ponto de ser abrazada por descuido dos fumantes, que adormeciam com o cachimbo na boca, e pegavam fogo ás cascas, que, sendo de madeira e muito junctas, podiam arder todas, prohibiu a entrada e uso do tabaco em todos os seus estados, primeiro com pena de açoutes; depois com a de nariz cortado, e finalmente com a pena de morte.

Amurath 4.^o imperador dos turcos seguiu este exemplo, e prohibiu o tabaco em toda a extensão dos seus dominios. O schah sophi da Persia fez o mesmo. Mas com o correr dos tempos estas prohibições esqueceram, e hoje é justamente nestes paizes onde se gasta mais avultada porção de tabaco.

Na Europa contentaram-se em pôr direitos exorbitantes neste genero de mercaderia, e com mandar publicar livros contra o uso delle. Jacques Stuard, rei de Inglaterra, publicou um tractado, escripto por elle proprio, em que mostrava a inutilidade desta planta. Christiano 4.^o, rei de Dinamarca, mandou escrever outro por Simão Paulo seu medico: em França sustentaram-se theses publicas contra o uso do tabaco, nas quaes o medico que presidia ás conclusões esteve constantemente tomando pitadas, emquanto provou *evidentemente* os horrorosos damnos que do tabaco se seguiam.

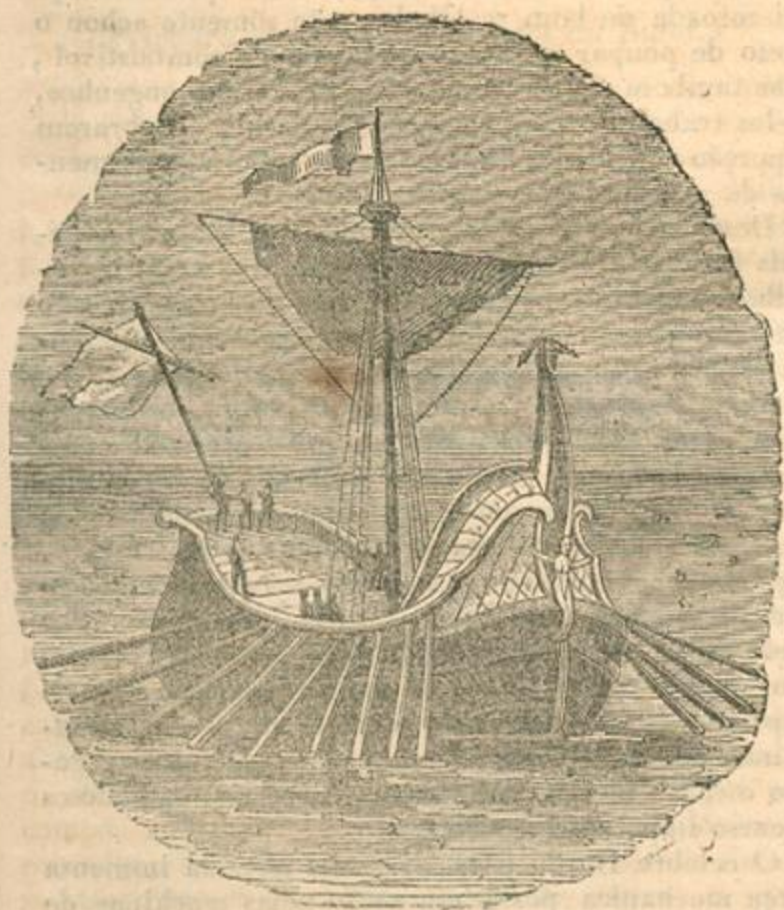
Mas, não obstante esta guerra cruel, cada vez se tomava, fumava, e mascava mais tabaco. Quebradas já todas as outras armas recorreram os inimigos delle aos raios da igreja. Urbano 8.^o publicou uma bulla, em que excomungava todos os que tomassem tabaco dentro das igrejas. Os seus successores foram, porém, mais negligentes; e, apesar da bulla, continuaram, os que gostavam de tabaco, a toma-lo nos templos: ultimamente Clemente 11.^o prohibiu o seu uso, só na igreja de S. Pedro de Roma; e para os que contraviessem a este preceito guardou a excomunhão de Urbano 8.^o Assim o tabaco victorioso em toda a parte, salvo no recinto de S. Pedro, estabeleceu para a perpetuidade o seu imperio. — *Extrahido do P. Labat.*

EFFEITOS DA IMAGINAÇÃO.

No *Guia para saber*, jornal publicado em Inglaterra se lê o seguinte factó que mostra até que ponto podem chegar os terriveis effeitos da imaginação.

A ponte de Lydford na provincia de Devonshire offerece uma daquellas sublimes vistas que Salvator Rosa costumava escolher para os seus magnificos quadros de salteadores. Os rochedos que se elevam de ambos os lados da ruidosa torrente são de tremenda altura, e sobrepostos uns aos outros em camadas irregulares. No sitio mais alpestre do rio está lançada a ponte. Ha poucos annos caíram tão copiosas chuvas em certo dia, que houve uma grande cheia, a qual levou comsigo a ponte. Casualmente na noite immediata, um passageiro, inteiramente insciente do que succedera, veio no meio da escuridão por aquelle sitio, e com tal pressa e preocupação vinha, que o seu cavallo, chegando á borda do precipicio e faltando-lhe a ponte, saltou ao outro lado, com a ligeireza propria de um cavallo inglez, sem que o dono desse attenção ao aballo do pulo. Chegando á estalagem mais proxima, ouviu que se estava fallando na queda da ponte, e quando disse que tinha passado por ella ninguem lhe deu credito, suppondo todos ser impossivel ter passado a torrente a salvo; elle pela sua

parte, suppoz que estavam escarnecendo delle, ou que não conheciam o caminho por onde viera. No outro dia pela manhã tornou-se a travar a questão, e para desenganar os outros o passageiro, os levou pela estrada fóra para lhes mostrar a ponte; mas ao chegar ao despenhadeiro, vendo que ella não existia, lembrou-se do salto do cavallo, e ao mesmo tempo sentiu tal horror do perigo porque passara, que entrando em um tremor convulso, caiu no chão, e expirou dahi a pouco.



ANTIGO NAVIO DE CARGA.

ORIGEM E PROGRESSOS DA NAVEGAÇÃO.

II

A PAGINAS 289 do antecedente volume começámos a historia da navegação, narrando as primeiras tentativas que para cruzar os mares se fizeram, e descrevendo a fórma das antigas embarcações, tanto de guerra, como de carga, e bem assim o modo das pelejas navaes dos antigos; agora fallaremos de como se dispunham para uma viagem, e como navegavam em frotas, ou com uma embarcação só.

A estação propria para começar qualquer viagem era a primavera, quando os dias principiavam a crescer; porque a experiencia e conhecimentos dos antigos marinheiros não os habilitava para mais do que isso. Ainda que o mar estivesse chão, e o vento fosse propicio, não poderam, por muitos seculos, affastar-se da vista de terra, aliás, correriam risco de se perderem pela extensão, apparentemente interminavel, dos mares. As suas viagens, a que os impellia o desejo do trafico, eram, portanto, sempre costeiras; e até, em certos casos, as embarcações iam á sirga ao longo da praia; sendo-lhes tambem necessario, desembarcar frequentes vezes, para se proverem de mantimentos, não podiam andar muito tempo no mar largo, o que, até, a superstição dos marinheiros não consentira.

Era artigo de fé para os antigos, que qualquer alma, que se apartava do corpo, sem que recebesse as honras da sepultura, era condemnada a andar cem

annos vagabunda pelas margens da lagoa iufernal, chamada Estygia; antes de poder entrar no reino da paz e da bemaventurança. Estando, pois, os primeiros navegadores nas suas viagens costeiras dependentes dos habitantes da beira-mar, e sempre constrangidos com o aperto e incommodos de bordo, accrescendo a isso o temor religioso de ficarem sepultados no insondavel pelago, não é de espantar que passassem seculos e seculos, antes de se atreverem a sair dos limites do Mediterraneo, cujas visinhanças foram a primeira porção civilisada do Occidente.

Quando se intentava qualquer viagem, os navios, que estavam encalhados em terra, eram deitados a nado, á força de braços, ou com alavancas, ou, finalmente, por meio da machina chamada *helix*, que Archimedes inventou, 200 annos pouco mais ou menos, antes da era christã. Estando a frota prestes a velejar, começavam as ceremonias religiosas. Feitos varios sacrificios, cada navio tomava sua divindade por advogada, observavam-se os prognosticos e agouros, muitos dos quaes em verdade movem a riso. O pousar uma andorinha no mastro, ou o espirrar alguém á esquerda bastava para estes intrepididos Vascos da Gama deixarem a partida para o outro dia. Quando, porém, não havia algum dos espantosos signaes acima dictos, ou outros semelhantes, o navio levantava ancoras, e partia a vela ou a remos, ou a ambas as cousas junctas, cuberto de flores e grinaldas, e acompanhado de orações a Neptuno, e mais deuses, tanto dos navegantes, como dos seus amigos, que ficavam em terra. Logo que vogavam um pedaço, soltavam-se a bordo pombas, que voando para terra eram signal propicio da feliz volta dos navegantes. A embarcação do capitão da frota vellejava na frente, e se distinguia por varios ornatos: seguiam-se depois as outras, e quando iam já bem ao largo, vellejavam ás tres e quatro em linha, salvo se o tempo se tornava procelloso, e o mar de levadia. Só em caso muito apertado, ou em circumstancias mui favoraveis, navegavam de noite, ancorando, todos os dias ao cair das trevas, em algum esteiro ou angra abrigada; ou encalhavam os navios na praia, para a marinhagem repousar folgadoamente até o romper d'alva. Se alguma vez perdiam de vista a terra, era com a ténção de buscar o rumo de algum cabo que jazia em sitio conhecido por elles.

Posto que muitos annos antes da era christã fossem conhecidas as propriedades geraes do iman ou pedra de cevar; todavia a polaridade, ou a tendencia que a agulha cevada tem de se voltar constantemente para o pólo do norte, não foi sabida, nem sequer sonhada pelos navegadores dos activos e atrevidos povos das regiões occidentaes do mundo antigo, senão ha cousa de quinhentos annos. Assim os marinheiros das eras remotas, ainda os mais experimentados e sabedores de seu mister, apenas podiam socorrer-se á observação das estrellas, para ousarem navegar ao largo. Os conhecimentos astronomicos foram, é verdade, crescendo, e a observação das estrellas tornando-se commum pela practica; a arte nautica progrediu, e os navegadores atreveram-se a engolfar-se no alto mar, tentando viagens largas com feliz successo; mas, muitas vezes, os ceus se entenebreciam no meio de grandes procellas; e o navegar, em taes circumstancias, se poderia comparar ao andar um homem por sitios intractaveis com os olhos fechados.

Os officiaes de qualquer navio antigo eram propriamente dois; o mestre e o piloto: incumbia ao primeiro tractar de tudo o que dizia respeito ao remar e aos remeiros, como distribuir estes pelos bancos dos remos, anima-los no trabalho, e fazer guar-

dar o compasso da voga, com as pancadas de um malho, ou com uma especie de cantiga: ao piloto, ou capitão do navio tocava o governar a embarcação por seu rumo, e era, por consequencia responsavel pela segurança do navio, e de todos os que iam a bordo. O seu logar era á pópa; e para ser tido em conta de homem habil na sua profissão, devia possuir exacto conhecimento da sua arte, que consistia principalmente em saber dirigir o leme, dispor as vellas, e na practica de tudo aquillo que dizia respeito á navegação: accrescia a isto que devia ser entendido no curso do vento, conhecer os corpos celestes, como indicadores das estações, esquivando-se assim aos temporaes, e buscando ter viagem feliz: cumpria-lhe, tambem, saber as alturas em que jaziam os melhores portos, e mais abrigadas enseadas; onde havia restingas, e bancos de arêa, e o modo de não tocar nelles.

Os antigos costumavam buscar colheita e abrigo, tanto que viam começarem a apparecer os signaes do inverno; e ali ficavam até que as constellações da primavera os convidavam a romper outra vez os seios dos mares: por isso não costumavam proseguir as suas viagens muito depois do equinoxio do outono.

Uma das cousas essencialissimas para ser havido por bom piloto era o saber explicar os agouros que se podiam tirar das aves aquaticas, dos peixes, dos vagalhões, das ondas quebrando na praia, e do mear dos bosques nas alturas proximas do mar. Marinheiro, que não estava apto para resolver questões destas, nunca podia alcançar a reputação de habil piloto.

Os antigos, assim como os barbaros dos tempos modernos, levavam sempre consigo os seus idolos, para qualquer viagem, julgando que por esse modo ia o navio seguro. Os votos que se faziam antes da viagem; ou durante ella, eram religiosamente cumpridos; e estes se dirigiam principalmente a Neptuno, deus do mar. Os que aportavam em terra depois de alguma procella, ou de outro qualquer desastre daquelles a que está sujeita a vida maritima, penduravam, em um templo do porto em que desembarcavam, um quadro representando esse desastre, ou, se o navio se havia perdido, a taboa ou madeiro em que tinham vindo á praia.

No fim das viagens, os navios eram encalhados em terra, com a pópa para ella, e a proa para o mar, e que a marinhagem fazia, sómente á força de braços.

BREVE HISTORIA DAS MACHINAS DE VAPOR.

É HOJE cousa assentada que a invenção das machinas de vapor tem tido no mundo uma influencia não menor do que a invenção da imprensa. No nosso paiz, onde ainda não serve o invento senão para mover embarcações, a sua influencia nas artes e industria não é conhecida practicamente; todavia uma epocha virá em que essas machinas sejam tão vulgares entre nós como em França e em Inglaterra. Entretanto nós daremos neste logar uma breve noticia da sua origem e progressos.

A primeira idéa d'empregar a força do vapor para produzir um movimento, teve-a Giovanni Branca, philosopho italiano. A sua machina, que para isso construiu, como é facil de suppôr, era muito imperfeita: mas passados tempos o inglez Savary a aperfeiçoou e a fez servir para objectos mais importantes; todavia a sua applicação não se generalizou.

Foi então que um ferreiro de Dartmore, chamado Thomas Newcome, sem estudos, e só ajudado pelo seu genio, fez outra machina de vapor, muito mais

perfeita e proveitosa do que a de Savary, mas tão complicada, que tambem não se pôde tornar de um uso geral.

Ultimamente Watt, negociante de Glasgow, e homem muitissimo inclinado aos estudos physicos, foi quem levou as machinas de vapor quasi ao subido grau de perfeição em que hoje se acham. Um dos maiores defeitos que tinham as que até o seu tempo se haviam construido, era a grande perda de vapor, e por consequencia de combustivel. Para emmendar isto, deu Watt largos tractos ao entendimento: teve que fazer muitissimas experiencias, e de lutar com muitas difficuldades; mas a sua perseverança foi coroada de bom resultado: não sómente achou o meio de poupar grande quantidade de combustivel, mas tambem simplificou a construcção dos engenhos, fe-los trabalhar mais compassadamente, e dobrarem a porção de trabalho, aproveitando todos os movimentos da machina para este fim.

Desde a morte de Watt, muitos machinistas habéis fizeram alterações e melhoramentos nesta maravilhosa machina; e como ás forças do entendimento humano não se conhecem limites, é provavel que ainda se hajam de fazer nella muitas mudanças.

As vantagens que resultam destes engenhos são incalculaveis. Qualquer acção em que é preciso empregar grande força executa-a a machina de vapor melhor do que outra qualquer. Com as machinas de vapor se esgotam de agua as mais profundas minas, erguem-se os maiores pesos, põe-se em movimento grandes engenhos de serrar, teares, tornos &c. Por meio dellas carroças carregadas com grandes volumes são levadas por terra, com maior facilidade e mais depressa do que por mar; e neste elemento as machinas de vapor tornam indifferente para a navegação o sopro incerto dos ventos, e nos rios caudalosos o curso impetuoso das correntes.

O celebre Dupin para dar uma idéa da immensa força mechanica posta em acção pelas machinas de vapor, só em Inglaterra, calcula que se fosse possível emprega-las todas junctas em uma unica obra, erigiriam em *desoito horas* uma pyramide do tamanho da maior que ha no Egypto, na construcção da qual se occuparam 100:000 homens vinte annos: e se quizessem que as machinas trouxessem as pedras da pedreira, para a obra, gastariam apenas nesta alguns dias. Todavia, deve-se notar que desde que Dupin fez este calculo o numero de machinas de vapor tem crescido muito em Inglaterra.

Porêmos aqui, por fim, a opinião do Dr. Arnott ácerca da potencia maravilhosa desta machina: "Ella regula, com perfeita exacção e uniformidade, o numero das suas pancadas em tempo determinado: e conta-as e marca-as, como a pendula de um relógio: tambem regula por si a quantidade de vapor que hade empregar — a força do lume — a porção d'agua que deve entrar na caldeira, e a de carvão que deve haver na fornalha: abre e fecha as suas proprias valvulas, ou registos com certesa mathematica; olêa as suas proprias juncturas: deita fóra o ar que possa accidentalmente introduzir-se-lhe em algum dos seus vãos: avisa os que cuidam della, tocando uma sine-ta quando sente em si algum desarranjo, a que sem soccorro alheio não pôde dar remedio: e, emfim, apesar de todas estas habilidades, e prestimos, e de ter ás vezes a força de seiscentos cavallos, obedece á mão de uma creança: o seu alimento é carvão, lenha, carvão de pedra, ou outros combustiveis; mas nada consome em não trabalhando: nunca se cansa, nem precisa de dormir: não está sujeita a doenças se é bem construida, e só recusa trabalhar quando está gasta pela idade: tem sempre a mesma actividade em to-

dos os climas e regiões, e trabalha em tudo; é bombeira, mineira, marinheira, fiadeira, tecedeira, ferreira, moleira; n'uma palavra tem todos os officios: e até uma pequena machina dessas, convertida em uma especie de cavallo de vapor, se vê ir por uma estrada de ferro adiante puxando por noventa toneladas de mercadorias, ou por um regimento de soldados, mettidos em carroças, com ligeireza tal, que nem por sombras, se lhe poderia comparar a das mais leves, e bem montadas carruagens.

TRES MEZES EM CALECUT.

(Primeira chronica dos Estados da India.)

III

A EMBAIXADA.

“ Amanheceu, finalmente, depois de uma noite inteira passada em preparativos, o dia de segunda feira, vinte e oito de Maio. Resolvido haviam os do conselho que Vasco da Gama fosse acompanhado somente por dôze homens, ficando seu irmão Paulo da Gama, durante a sua ausencia, com o mando supremo de toda a armada. Os batéis desde o romper do dia fluctuavam juncto das náus, toldados e embandeirados: nem esqueceu artilha-los; porque estivessemos precatados contra qualquer subito commettimento: as charamellas e trombetas nos acompanhavam, e todos nós, armados, e ataviados de sedas, descemos aos batéis. No meio de festivos tangêres, os remeiros partiram de voga arrancada, e apenas enfestámos com a terra, em Pandarane, o bale ou catual, que entre os indios de Calecut corresponde ao corregedor da côrte, nos veio receber acompanhado de duzentos nayres, homens fidalgos, de que se compõe a milicia daquelle paiz. Parte delles vinham armados, com espadas nuas nas mãos, dando de si mostras guerreiras. Uma especie de andas, a que ehamam palanquins, foram alli trazidas por seis homens, que nellas condúziram Vasco da Gama, desde a praia. Grande multidão de povo ahi estava reunida, e no meio della, rodeados de naires, que affastavam o povo, seguimos o caminho de Calecut.”

“ Alto já já o dia, mas o céu estava carregado de nuvens. Começava então na India a estação invernossa: a cidade ficava distante, e era preciso abbreviar a jornada; porque alguma grossa chuva podia tornar impossivel, ou difficiloso o nosso transito.”

“ O caminho para Calecut passava pela povoação de Capocate: quando ahi chegámos estava aparelhado em casa de um nobre o jantar para Vasco da Gama; mas elle recusou aceita-lo. Depois de breve descanso, em que nós os da comitiva tomámos alguma refeição, continuámos a viagem.”

“ Juncto a Capocate corria um caudaloso rio: dois barcos liados um ao outro nos esperavam, e apenas embarcámos partiram velozmente cortando a corrente. Um sem numero de barcas, atulhadas de gente, nos rodeavam, e pelas margens a multidão curiosa corria para ver esta nova especie de homens do occidente, que pela primeira vez calcavam a terra da India.”

“ Tendo navegado obra de uma legua, tornámos a desembarcar: já naquelle sitio se conhecia que proxima estava uma cidade populosa: muitas náus de commercio jaziam varadas em terra por uma, e por outra margem; e por entre palmares e quintas se viam soberbos edificios, que se erguiam por meio de veigas cultivadas, e de bosques fechados de arvores, para nós desconhecidas.”

“ Vasco da Gama entrou em outras andas que o es-

peravam: nós íamos juncto delle: homens, mulheres, creanças nos cercavam, com signaes de espanto: e o grosso tropel de povo que nos rodeava, crescia de instante a instante. Pouco tinhamos andado, quando de subito demos com uma formosa egreja: o catual, que mettido em outras andas ia sempre ao lado do capitão-mór, apeou-se e convidou este a entrar com elle dentro do templo: Vasco da Gama accitou o convite, e nós, que íamos como pasmados, o seguimos machinalmente.”

“ Uma columna de metal, da altura de um grande mastro, se erguia sobre um pedestal á entrada do templo, e no topo tinha a figura de um gallo: ao pé desta outra columna da altura de um homem, e excessivamente grossa, estava tambem erguida, mas sem emblema nenhum: sobre a porta principal, sete sinos de bronze pendiam de uma especie de campanario; as paredes eram todas de cantaria primorosamente lavrada, e o tecto era forrado de bem obrados ladrilhos.”

“ Os clérigos encarregados do culto divino não se pareciam em cousa alguma com os da Europa. Nus da cinta para cima, apenas uma especie de saio os cobria até os joelhos; e do hombro esquerdo lhes desciam uns cordões que passavam por debaixo do braço direito. Apenas entrámos fomos aspergidos com agua benta, e nos offereceram uma especie de barro branco para pôrmos na testa e nos braços. — No meio da egreja se alevantava um corucheu mui alto: era uma capella consagrada á Virgem, e subiam a ella os sacerdotes por uma escada estreita. Postos de joelhos orámos com o fervor de homens que em tão remotos climas encontravam pela primeira vez symbolos do christianismo.”

“ Em quanto o capitão-mór observava as magnificencias do edificio, os quafes ou sacerdotes procuravam explicar por acenos as significações de diversos emblemas que pelo templo havia; mas na falta de quem servisse de interprete, não pude perceber senão o nome de *Maria-nah*, que pronunciavam apontando para a imagem que estava no corucheu.” [*]

“ Não faltava interprete, senhor Alvaro Vellio! — atalhou Fernão Martins. — Mas sobre mim não vieram do céu as linguas de fogo; e eu não podia entender o ladrar daquelles perros, que nunca em minha vida ouvira.” —

A esta reflexão do interprete, ninguem disse nada; porque com razão punia elle pela sua honra litteraria; e a leitura continuou.

“ Desta egreja saímos entre o innumeravel concurso que não se affastava de nós, senão á força de pancadas, que os naires davam sem piedade, para nos abrirem caminho. Chegámos, finalmente, ás portas de Calecut, onde entrámos em outro templo, semelhante ao primeiro, e do qual brevemente tornámos a sair para nos dirigirmos aos paços delrei.”

“ Aqui o tropel dos curiosos tinha subido a tal ponto, que, seguindo com muito custo por uma rua adiante, fomos obrigados a entrar em uma casa, por não podermos já romper avante. Foi a esta casa que veio um fidalgo principal com mais soldados, e seguido de trombetas e tambores, para acompanharem até

(*) A gente da armada de Vasco da Gama voltou a Portugal persuadida de que o paiz que deixavam descoberto era de christãos. Esta verdade, que os nossos historiadôres procuraram desfazer, prova-se do Roteiro do descobrimento, feito por um dos que foram na armada, publicado ha pouco no Porto. O templo que encontraram no desembarque, e que porventura era dedicado á deusa *Marianah*, nome que pela semelhança do som lhes pareceu *S. Maria*, e a noticia que em Calecut teriam dos chamados christãos de *S. Thomé*, que habitavam na contracosta, além das serras de Gatte, foram as causas provaveis de um erro, em que, sem conhecimento da lingua do paiz, residindo alli tão pouco tempo, e attentas varias semelhanças externas e internas da religião de Brahma com o christianismo, era mui facil caissem homens que eram excellentes navegadores; mas por certo fragoos theologos,

os paços o capitão-mór: os homens d'armas, que subiam a mais de dois mil, fizeram então arredar o povo, e nos abriram caminho, posto que com muito trabalho, até a morada delrei, onde chegámos a horas em que o sol já já mui proximo do seu occaso.”

“Passámos um largo terreiro, e cruzámos quatro aposentos, antes de chegar áquelle em que elrei estava: á porta do terreiro tinham vindo os cortesãos esperar Vasco da Gama, e á ultima porta o summo sacerdote; mas o tropel dos populares, que tinha rompido até allí, nos apertava por todos os lados, e á força de cutiladas dos homens d'armas muita daquela gente foi ferida, e alguns mortos.”

“Chegámos, em fim, á presença do rei de Calcut, ou Samorim, como os seus lhe chamam: estava recostado em uma especie de estrado cuberto de pannos riquissimos: da direita tinha um grande vaso de ouro, d'onde um official de sua casa lhe dava umas folhas de certa herva a que os mouros chamam atambor, e os naturaes betel, segundo depois soubemos, as quaes o rei mascava continuamente, cuspindo-as depois em outro vaso de ouro, que lhe ficava á esquerda. O capitão-mór logo que entrou fez reverencia ao Samorim, que lhe acenou com a mão que se chegasse para elle, e a nós mandou-nos assentar em uns degraus que havia ao redor da casa. Ahi nos mandou dar figos e uma casta de mellões, a que chamam jacas, que nós, encalmados do caminho, comemos sem cerimonia, rindo muito o Samorim de nossos gestos e meneios. Então ordenou este a Vasco da Gama por via de um interprete mouro, que transmittia as suas palavras a Fernão Martins, que desse a embaixada aos fidalgos da cõrte: a esta ordem respondeu o capitão-mór, que um embaixador do rei de Portugal só tractava com os principes em particular, e não com os seus vassallos. Sabida esta resposta por elrei, accedeu aos desejos de Vasco da Gama; e, mandando-o entrar em outro aposento com Fernão Martins e o interprete mouro, se levantou do estrado, em que estava, e foi encerrar-se com elle.”

“Agora, senhor Fernão Martins—disse Alvaro Velho pondo sobre os joelhos o manuscripto que tinha nas mãos—melhor podereis vós narrar o que se passou ahi, do que eu que só de leve apontei o que vós depois me contastes.”

Fernão Martins immediatamente começou a fallar em tom grave, e por esta maneira:

“Tanto que elrei chegou, acompanhado pelo velho sacerdote, que nos saíra a receber á porta da sala, e por outros dois nobres, que pareciam grandes privados seus, Vasco da Gama lhe narrou succintamente quantas tentativas os reis de Portugal tinham feito para descobrir a India: que ora um que reinava, por nome D. Manuel, o mandára com aquellas tres náus proseguir o começado projecto, com pena de morte, se voltasse sem concluir a empreza: que mais lhe ordenára que em chegando a encontrar o grande rei do oriente, lhe assegurasse que o rei de Portugal queria ser seu irmão e amigo, e que, para prova disto, elle Vasco da Gama entregaria a sua alteza duas cartas que delrei, seu senhor, para elle trazia. O Samorim respondeu a tudo isto que elle accitava a amizade delrei de Portugal, e que na frota portugueza mandaria tambem embaixadores a D. Manuel. Depois de practicar em varias cousas de pouca monta, perguntou, emfim, a Vasco da Gama se queria ir pousar com algum dos mercadores mouros que havia em Calcut, ou em casa de algum dos naturaes, e respondendo o capitão que desejava ficar só com os seus, o despediu, assegurando-lhe que seria satisfeito.”

Fernão Martins acabou de fallar; e Alvaro Velho,

pegando no manuscripto, continuou outra vez a sua leitura:

“Em quanto o capitão esteve a sós com elrei, os seus ministros, e os interpretes, guiaram-nos para uma especie de varanda; era já noite cerrada; e logo que elle veio ter connosco, partimos immediatamente com os officiaes que deviam conduzir-nos á nossa pousada.”

“Quando saímos do paço o céu parecia desfazer-se em torrentes de chuva: as ruas estavam convertidas em rios; mas, apesar da escuridão e da chuva, o povo nos seguia em tumulto, apinhado, como se fosse á hora do meio dia, debaixo de um céu purissimo. Repassados de agua, caminhámos muito tempo sempre ao lado de Vasco da Gama, levado em collos de homens. Cansado do longo caminho, elle se queixou ao feitor d'elrei, que o acompanhava, de que fosse tão longe agasalha-lo, por noite tão tormentosa. Era o feitor um mouro; e vendo que Vasco da Gama estava grandemente colerico, o conduziu a sua casa, aonde lhe disse mandaria vir um cavallo em que mais commodamente pudesse ir ao aposento, que elrei para nós destinára.”

“Chegou com effeito o cavallo; mas sem os necessarios arreios para nelle se poder montar: tomou isto o capitão por affronta, e cheio de despeito, continuou a caminhar a pé até chegar á pousada. Ahi estavam já alguns dos nossos, que tinham trazido dos navios os presentes destinados para o Samorim, e tudo o de que carecíamos para em quanto residissemos naquella cidade.”

“Os presentes que levavamos deviam ser examinados pelo feitor e pelo catual, antes d'elrei os receber; vieram pois no dia seguinte os dois para os verem. Este presente, pobre na verdade, foi materia d'escarneo para aquelles officiaes, costumados ás grossas peitas dos mouros: os seus despresos augmentaram o desgosto de Vasco da Gama, que soltando algumas palavras asperas, declarou, que uma vez que elrei não quizesse aquelles dons, pobres como eram, se iria despedir d'elle, e voltaria outra vez para os seus navios.”

“Com este recado se foi o catual, promettendo voltar breve; mas debalde esperámos por elle todo o dia: chegou e passou a noite, sem mais nos tornar a apparecer.” (Continuar-se-ha.)

Remedio para parar a saída do sangue pelo nariz.
—Dissolva-se um pedaço de pedra-hume, da grandeza d'uma avelã n'uma chicara d'agua, que se aquecerá quanto fôr preciso.

Sorva-se esta agua, e o sangue deixará de correr no mesmo momento.

Os antigos e os modernos. — Saber só o que os antigos souberam, não é saber; é lembrar-se. Estes taes haviam de ter a testa virada para as costas, como dizem os italianos dos allemães, que todos se occupam na erudição do passado, sem descobrir, nem inventar cousa nova [*]. Muito alcançaram os antigos, e se lhes deve o primeiro louvor; mas ainda nos deixaram seus grandes talentos em que exercitar os nossos. — *Vieira.*

(*) Hoje nem os italianos diriam isto, nem Vieira citaria o dito; porque a Alemanha bem se desaffrontou com ser actualmente a mestra das outras nações.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE,